

*O presente número da revista **Psicologia** pretende fornecer um relance sobre os progressos da TERAPIA FAMILIAR (TF) e da intervenção sistémica, no âmbito da primeira associação científica portuguesa destinada ao estudo do tema, a Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar (SPTF).*

*O primeiro dos artigos começa justamente por referir aquilo que me parece o ponto essencial da evolução: a passagem de uma prática clínica mais centrada no tratamento das famílias, para um trabalho mais global, que diz respeito à intervenção nos sistemas relacionados com os problemas.*

*Não podemos esquecer que o nascimento da SPTF está relacionado com a prática de alguns Técnicos de Saúde Mental, todos eles já na altura (1979) com larga prática nas instituições, como mais tarde se descreve. Mas os anos oitenta serviram para deixar bem claro que o paradigma sistémico é uma outra forma de olhar a realidade que não pode ficar restringida ao tratamento das famílias. E que, se continua a ser relevante ajudar os agregados familiares a encontrarem dentro de si potencialidades porventura escondidas ou desconhecidas que lhes permitam resolver a crise em que se encontram, é necessário também olhar mais longe e poder dar respostas que possibilitem a mudança a um nível mais amplo.*

*Podemos portanto afirmar que o nosso trabalho está agora para além da TF com que nos apresentámos em 1980. Ao tempo, considerámos que a maioria das famílias que tinham membros em tratamento nas instituições psiquiátricas necessitavam de apoio especializado e que muitos problemas do nosso quotidiano de Técnicos de Saúde Mental poderiam ser resolvidos através de uma intervenção regular na família. Estas afirmações continuam actuais: a visão estreitamente centrada no indivíduo que têm muitas das acções institucionais empobrecem muitíssimo a possibilidade de actuação dos Técnicos; e a abordagem familiar, quer se continue ou não por uma TF, é um contributo importante de apoio às famílias e um instrumento de prevenção face a posteriores desequilíbrios. É preciso, no entanto, ir mais longe e sobretudo lançar a investigação e a actuação sistémica para outros sectores. Desta linha de intervenção são dados alguns exemplos nos artigos que constituem este número da **Psicologia**.*

*O artigo de Carlos Sluzki, Terapeuta Familiar conhecido internacionalmente e que já esteve entre nós a convite da SPTF, possui a visão integrada da TF tal como a temos defendido: os diversos modelos de intervenção não são para ser utilizados de um modo redutor e mutuamente exclusivo, mas antes devem constituir subleiturias daquela visão da realidade que é característica dos investigadores sistémicos. O período de um certo fanatismo que caracterizou o aparecimento da TF — algumas vezes apresentada como solução para problemas tão diversos — não faz hoje qualquer sentido. A Técnica Terapêutica no trabalho com famílias é sem dúvida importante, mas não pode existir sem uma teoria, esta por sua vez dependente de uma investigação permanente e de uma ética rigorosa.*

*Das muitas áreas onde os fundadores da SPTF têm investigado é certamente a da toxicodependência. Desde o primeiro centro oficial de TF nesse domínio, fundado em 1979 por Almeida Costa no Centro de Estudos e Profilaxia da Droga de Lisboa, até ao presente, a TF sistémica tem ganho progressiva importância, como o atestam as dezenas de profissionais que procuram treino no modelo sistémico em vários pontos do país. O artigo de José Gameiro, escrito de forma clara e consistente, é uma excelente síntese sobre as relações da família e da toxicodependência e sobre o modo de intervenção no problema.*

*Publicam-se também neste número dois trabalhos sobre outras duas áreas da maior importância. Referimo-nos ao artigo de Nazaré Cristina Santos sobre «esquizofrenia e família» e de Maria S. Pinto Ribeiro sobre o «Tribunal de Família e o papel do Psicólogo no sistema judiciário». Podemos hoje afirmar que a medicação Neuroléptica, o trabalho com a família e a integração social são as três vertentes essenciais do tratamento do doente esquizofrénico. O artigo sobre «Esquizofrenia e Família» sintetiza os estudos sobre o tema e pode servir de base para o trabalho clínico com os doentes e suas famílias. O trabalho de Maria Pinto Ribeiro é pioneiro no nosso país, uma vez que trouxe para a instituição tribunal o modelo sistémico de intervenção e uma nova possibilidade de solução para os problemas, felizmente cada vez mais a ser utilizado.*

*Morgado Pereira, Maria da Luz Vaz Pato, Paulo Vitória, Ana Dantas e Eulália Barros são Técnicos de Saúde Mental de várias instituições do nosso país em formação adiantada (supervisão) na SPTF. Os temas que abordam são variados, desde a visão sistémica aplicada dos Hospitais Psiquiátricos aos problemas da relação conjugal, não esquecendo a síntese sobre os estudos de Jay Haley, um dos pioneiros da TF.*

*Por último faço referência ao trabalho de Luís Sobrinho e Almeida e Costa intitulado «Hiperprolactinémia como resultado da imaturidade ou de regressão». Trata-se da aplicação de um modelo psico-endócrino de investigação que me parece estimulante e onde a colaboração de dois Técnicos de formação diferente — um médico endocrinologista e um psicólogo de formação sistémica — unem esforços para, em colaboração interdisciplinar, conseguirem um modelo de compreensão da realidade com vasta aplicação na clínica.*

*A fechar esta introdução aos artigos que se vão seguir, resta-me agradecer à Direcção da Revista **Psicologia** a oportunidade e o estímulo para a publicação de todos estes trabalhos.*

**DANIEL SAMPAIO \***

---

\* Psiquiatra e Terapeuta Familiar, Prof. da Faculdade de Medicina de Lisboa